

# PEDAGOGIA CRÍTICA CONTRA O NEOLIBERALISMO NA LUTA POR JUSTIÇA POLÍTICA, EDUCACIONAL E TRABALHISTA

Henry A. Giroux<sup>1</sup>

Desde a década de 1970, uma forma de capitalismo predatório chamada neoliberalismo vem travando uma guerra contra o estado de bem-estar social, os direitos trabalhistas, os trabalhadores, a esfera pública e o bem comum. Esta forma de governança argumenta que o mercado deve governar a economia e todos os aspectos da sociedade. Concentra a riqueza nas mãos de uma elite financeira e eleva o interesse próprio desenfreado, o individualismo sem limites, a desregulamentação e a privatização como princípios governantes da sociedade. Sob o neoliberalismo, tudo está à venda e a única obrigação da cidadania é o consumismo. Vivemos em uma época na qual a atividade econômica está desvinculada dos custos sociais, enquanto as políticas que produzem limpeza étnica, militarismo e níveis impressionantes de desigualdade tornaram-se características definidoras da vida cotidiana. É uma praga de terrorismo político, econômico e pedagógico.

Entre 2020 e 2023, a pandemia de Covid-19 expôs as deficiências de uma ordem social movida pelo mercado, destacando seu desdém pelas necessidades humanas fundamentais, como saúde, acesso à alimentação, condições de trabalho decentes, salários justos e educação de qualidade. O neoliberalismo enxerga o governo como inimigo do mercado, limita a sociedade ao âmbito da família e dos indivíduos, abraça um hedonismo fixo e desafia a própria ideia de bem comum. A pandemia revelou, em toda sua feiura, os mecanismos mortais do neoliberalismo, de desigualdade sistêmica, desregulamentação, sua cultura de crueldade e um ataque cada vez mais perigoso ao meio ambiente. Também tornou visível uma cultura anti-intelectual e uma pedagogia de repressão que ridiculariza qualquer noção de educação crítica, ou seja, uma educação que capacite os indivíduos a pensarem de forma crítica, engajarem-se em diálogos reflexivos, apropriarem-se das lições da história e aprenderem a governar, em vez de serem governados.

Em todo o panorama global, uma outra crise se desenrola à medida que os estudantes se mobilizam pela liberdade e independência da Palestina, posi-

REVISTA CIÊNCIAS DO TRABALHO Nº 27  
MAIO DE 2025

---

<sup>1</sup> McMaster University.

cionando-se de forma corajosa do lado certo da história. No entanto, frequentemente suas manifestações pacíficas se deparam com uma repressão brutal por parte de policiais armados, ilustrando a dura realidade da violência estatal e o espectro de um fascismo em ascensão. Embora os trabalhadores tenham conquistado alguns avanços no governo do ex-presidente Biden, seus direitos e suas condições de trabalho estão mais uma vez em risco com a eleição de Donald Trump para a presidência, um fervoroso inimigo dos trabalhadores, estudantes e das formas críticas e emancipadoras de educação.

Cada vez mais, as instituições democráticas, como a mídia independente, as escolas, o sistema jurídico, os sistemas de saúde, certas instituições financeiras e o ensino superior estão sob cerco. A promessa – se não os ideais – da democracia vem recuando, à medida que aqueles que respiram nova vida em um passado fascista estão novamente em movimento, subvertendo a linguagem, os valores, a coragem cívica, a visão e a consciência crítica. A educação tem se tornado, de forma gradual, uma ferramenta de dominação, à medida que empreendedores do ódio visam a trabalhadores, pobres, pessoas pretas, refugiados, imigrantes e outros indivíduos considerados descartáveis. O momento presente é um ponto de inflexão histórica, no qual as estruturas de libertação e autoritarismo disputam a forma de um futuro que parece ser ou um pesadelo impensável ou um sonho realizável.

**É difícil imaginar um momento mais urgente do que o atual para tornar a educação central na política.** O que está em jogo é uma visão da educação tanto como imperativo moral quanto projeto político, enraizada no objetivo de emancipação de todas as pessoas. O que está sob ataque pela extrema-direita e pelos fascistas é um modo de pedagogia crítica que estimula a agência humana, capacita as pessoas a serem não apenas pensadores críticos, mas também atores sociais engajados ativamente. Se formos desenvolver uma política capaz de despertar nossa sensibilidade crítica, imaginativa e histórica, é crucial que educadores e outros reconheçam o papel central da pedagogia crítica. Essa abordagem é essencial para moldar agentes, identidades e valores que promovam uma cidadania que seja conhecedora, informada, criticamente atenta e disposta a responsabilizar o poder. Recorrendo ao legado de Paulo Freire, esse projeto pedagógico reconhece que não há democracia sem cidadãos bem-informados e engajados.

Trata-se de uma prática pedagógica que chama os estudantes para além de si mesmos, afirma o imperativo ético de cuidado com os outros, abraça a memória histórica, trabalha para dismantelar estruturas de dominação e permite que os estudantes se tornem sujeitos, e não objetos da história, da política e do poder. Se os educadores vão desenvolver uma política que possa despertar as sensibilidades críticas, imaginativas e históricas dos estudantes, é vital incluir a educação como um projeto de empoderamento individual e coletivo — um projeto com base na busca pela verdade, na ampliação da imaginação cívica e na prática da liberdade.

Vivemos em um tempo no qual o impensável se tornou tão normalizado que qualquer coisa pode ser dita, e tudo o que importa pode ser deixado de lado. Além disso, essa degradação da verdade e o esvaziamento da linguagem dificultam ainda mais distinguir o bem do mal, a justiça da injustiça. Em tais circunstâncias, as sociedades democráticas perdem rapidamente uma linguagem e uma gramática ética que desafiem as máquinas políticas e racistas de crueldade, a violência estatal e as exclusões direcionadas.<sup>2</sup> Além disso, enquanto os valores capitalistas e a concentração de riqueza e poder estiverem nas mãos de poucos, a democracia se torna uma farsa, um disfarce para a corrupção e um estado cada vez mais antitrabalho, antieducação, antissocial e uma política de modo antijustiça.

Um aspecto central para o momento político atual é o desenvolvimento de uma linguagem de crítica e possibilidade. Essa linguagem é necessária para expor, resistir e superar os pesadelos tirânicos fascistas que recaíram sobre Estados Unidos, Brasil, Argentina, Hungria e uma série de outros países assolados pelo surgimento de movimentos populistas de direita e de partidos neonazistas. Em um momento marcado pelo isolamento social, pelo excesso de informações, por uma cultura de imediatismo, pela voracidade do consumo e pela espetacularização da violência, é mais fundamental do que nunca levar a sério a ideia de que uma democracia pode não perdurar ou ser preservada sem cidadãos alfabetizados de forma cívica, além de engajados criticamente.

A pedagogia crítica, tanto em suas formas simbólicas quanto institucionais, tem papel vital na luta contra o ressurgimento de distorções falsas da história, de supremacia branca, fundamentalismo religioso, militarismo crescente e ultranacionalismo. Além disso, à medida que fascistas ao redor do mundo disseminam imagens tóxicas e racistas do passado, é essencial reconquistar a educação como uma forma de consciência histórica e testemunho moral. Isso é especialmente verdadeiro em um momento em que a amnésia histórica e social minou os alicerces da cultura cívica, algo só igualado pela masculinização da esfera pública e pela crescente normalização de uma política fascista que prospera na ignorância, no medo, na repressão da dissidência e no ódio.

A fusão de poder, de novas tecnologias digitais e da vida cotidiana não apenas alterou o tempo e o espaço, mas também expandiu o alcance da cultura como uma força educacional. Uma cultura de mentiras, crueldade e ódio, acompanhada pelo medo da história e pelo fluxo constante de informações 24 horas por dia, agora trava uma guerra contra a capacidade de concentração e as condições necessárias para pensar, contemplar e chegar a julgamentos sensatos. A educação como uma forma de trabalho cultural vai muito além da sala de aula e de suas influências pedagógicas. Desempenha um papel crucial ao desafiar e resistir ao surgimento de formações pedagógicas fascistas e sua

---

<sup>2</sup> Frank B. Wilderson III, "Introduction: Unspeakable Ethics," in *Red, White, & Black*, (London, UK: Duke University Press, 2012), p. 1-32.

reabilitação de princípios e ideias fascistas.<sup>3</sup>

Qualquer noção viável de pedagogia crítica precisa criar as visões e as ferramentas educacionais para produzir uma mudança radical na consciência; deve ser capaz de reconhecer tanto as políticas de terra arrasada de um capitalismo de gângsteres marcado por desigualdades gritantes, por colonialismo de ocupação e as ideologias antidemocráticas distorcidas que o sustentam. Essa mudança de consciência não pode acontecer sem intervenções pedagógicas que falem com as pessoas de forma com que elas se reconheçam, se identifiquem com os problemas abordados e posicionem a privatização de seus problemas em um contexto sistêmico mais amplo. Assim, não pode haver política autêntica sem o que chamo de pedagogia da identificação.

Sem esse entendimento, a pedagogia facilmente se torna uma forma de violência simbólica ou é reduzida a uma retórica de jargões que, em um caso, agride e causa constrangimento e, em outro, gera confusão. O que ela não faz é educar um público mais amplo. Ao mesmo tempo, se os acadêmicos atuarem como intelectuais públicos, é preciso que combinem mutuamente os papéis interdependentes de educador crítico e cidadão ativo.

Ao fazer isso, não devem apenas direcionar seu trabalho a um público mais amplo e às questões sociais importantes, mas também precisam desenvolver uma linguagem que conecte os problemas cotidianos a estruturas mais amplas e pressionem pela reivindicação de justiça econômica e social. Usando um termo da acadêmica Ariella Azolay, os educadores precisam praticar o que poderia ser chamado de uma forma de “cidadania” pedagógica com o “foco em sua capacidade, quando praticada de forma reflexiva, de nos lembrar de nossas responsabilidades mútuas”.<sup>4</sup> Ao mesmo tempo, educadores críticos devem resistir à tentação da simplificação excessiva e manter a análise de alto nível, sendo ainda capazes de se comunicar com um público diversificado e mais amplo.

Um dos desafios enfrentados pela geração atual de educadores, estudantes e trabalhadores é a necessidade de abordar a questão sobre o que a educação deve alcançar em uma sociedade. Ou, mais precisamente, qual é o papel da educação em uma democracia? Quais as responsabilidades pedagógicas, políticas e éticas que os educadores, músicos, artistas, jornalistas e outros trabalhadores da cultura devem assumir em um período em que há aumento alarmante de regimes autoritários no mundo, em especial em países formalmente democráticos como Turquia, Hungria, Índia e Itália? Como as práticas educacionais e pedagógicas podem ser conectadas à ressurreição da memória histórica, a novos modos de solidariedade, um renascimento da imaginação radical e lutas amplas por uma democracia insurrecional? De que maneira a

3 Ver, por exemplo, Jane Mayer, “The Making of the Fox News White House,” *The New Yorker* (March 4, 2019). Online: <https://www.newyorker.com/magazine/2019/03/11/the-making-of-the-fox-news-white-house>

4 Citação em Teju Cole, “Photography has the power to record and reveal the world; but not all things can be recorded or should be revealed,” *The New York Times Magazine* (10 fevereiro, 2019), p. 17.

educação pode ser usada para combater o que o teórico cultural Mark Fisher chamou uma vez de a arma mais brutal do neoliberalismo, “o lento cancelamento do futuro”?<sup>5</sup>

Uma visão tal sugere a ressurreição de um projeto democrático radical que forneça a base para imaginar uma vida para além de uma ordem social imersa em desigualdade massiva, agressões intermináveis ao meio ambiente, e que eleva a guerra e a militarização aos mais altos e santificados ideais nacionais. Nessas circunstâncias, a educação se torna mais do que uma obsessão com esquemas de responsabilidade, testes, valores de mercado e uma imersão irrefletida no empirismo bruto de uma sociedade orientada pelo mercado e obcecada por dados. Além disso, ela recusa a noção de que as faculdades e universidades devam ser reduzidas a locais de treinamento de estudantes para o mercado de trabalho – uma visão redutora, que é agora imposta à educação pública e superior por grandes empresas de tecnologia como Facebook, Netflix e Google, que querem incentivar o que chamam de missão empreendedora da educação.<sup>6</sup> A educação e a pedagogia devem proporcionar as condições para que os jovens pensem em como manter uma democracia viva e vibrante, e não simplesmente treinar estudantes para serem trabalhadores.

Uma educação para o empoderamento, que funcione como prática da liberdade, deve propiciar um ambiente de sala de aula intelectualmente rigoroso e crítico, ao mesmo tempo em que permite que os estudantes expressem suas experiências, aspirações e seus sonhos. Deve ser um espaço protetor e corajoso no qual os estudantes possam falar, escrever e agir a partir de uma posição de agência e opinião fundamentada. Deve ser um lugar onde a educação realize o trabalho de conexão das escolas com a sociedade mais ampla, conectando o eu com os outros e abordando questões sociais e políticas importantes. Também deve fornecer as condições para que os estudantes aprendam a se alinhar com um senso mais amplo de responsabilidade social, juntamente a uma paixão por igualdade, justiça e liberdade. Como prática de ruptura, a pedagogia crítica deve rejeitar equiparar o capitalismo com a democracia. Ao fazer isso, deve-se deixar claro que não é possível discutir o fascismo sem abordar o capitalismo. Qualquer pedagogia crítica viável deve ser anticapitalista, reviver o discurso da democracia radical e criar um bloco histórico em torno de novas formações sociais, para além dos partidos políticos liberais e conservadores estabelecidos.

Isso sugere que um dos maiores desafios enfrentados pelos educadores é a tarefa de desenvolver discursos e práticas pedagógicas que conectem uma leitura crítica tanto da palavra, quanto do mundo, utilizando formas que aprimorem as capacidades criativas dos jovens e forneçam as condições para que

---

5 Mark Fisher, *Ghosts of My Life: Writings on Depression, Hauntology and Lost Futures* (London: Zero Books, 2014), p. 2

6 Natasha Singer, “The Silicon Valley Billionaires Remaking America’s Schools,” *New York Times* (June 6, 2017). Online: [https://www.nytimes.com/2017/06/06/technology/tech-billionaires-education-zuckerberg-facebook-hastings.html?\\_r=0](https://www.nytimes.com/2017/06/06/technology/tech-billionaires-education-zuckerberg-facebook-hastings.html?_r=0)

se tornem agentes críticos. Ao se envolver nesse projeto, educadores e outros devem tentar criar as condições que forneçam aos estudantes a oportunidade de adquirir o conhecimento, os valores e a coragem cívica que lhes permita lutar para tornar a desolação e o cinismo pouco convincentes e a esperança prática.

Uma esperança educada não é um chamado para ignorar as condições difíceis que moldam tanto as escolas quanto a ordem social mais ampla, sequer é um plano distante de contextos e lutas específicos. Pelo contrário, é a pré-condição para imaginar um futuro que não replique os pesadelos do presente, para não fazer do presente o futuro. A esperança educada deve ser uma prática pedagógica ativa que dignifique o trabalho dos professores, proporcione conhecimento crítico ligado à mudança social democrática, afirme responsabilidades compartilhadas e encoraje professores e alunos a reconhecerem a ambivalência e a incerteza como dimensões fundamentais do aprendizado. Essa esperança oferece a possibilidade de pensar para além do dado. Por mais difícil que essa tarefa possa parecer para os educadores, se não para o público em geral, é uma luta que vale a pena travar.

A esperança deve ser temperada pela realidade complexa dos tempos e vista como um projeto e uma condição para proporcionar um senso de agência coletiva, oposição, imaginação política e participação engajada. Sem esperança, mesmo durante os momentos mais sombrios, não há possibilidade de resistência, dissidência e luta. A agência é a condição da luta, e a esperança é a condição da agência. A esperança expande o espaço do possível e se torna uma maneira de reconhecer e nomear a natureza incompleta do presente.

A democracia deve ser uma forma de pensar a educação, uma maneira que prospere em conectar a pedagogia à prática da liberdade, o aprendizado à ética, e a agência aos imperativos da responsabilidade social e do bem público.<sup>7</sup> O capitalismo neoliberal retira a esperança de suas possibilidades utópicas e prospera na noção de que vivemos em uma era de esperança encerrada, e na qual qualquer tentativa de pensar de outra maneira resultará em pesadelo.

A luta atual contra uma crescente política fascista em todo o mundo não é somente uma luta sobre as estruturas econômicas ou as alturas do poder corporativo. É também uma luta sobre visões, ideias, consciências, identificações, o poder de persuasão e a capacidade de transformar a própria cultura. É ainda uma luta para recuperar a memória histórica. Qualquer luta por uma ordem socialista democrática radical não ocorrerá se “as lições de nosso passado sombrio [não puderem] ser aprendidas e transformadas em resoluções construtivas” e soluções para lutar e criar uma sociedade pós-capitalista.<sup>8</sup>

Na era do fascismo nascente, não basta conectar a educação com a de-

7 Henry A. Giroux, *The Terror of the Unforeseen* (Los Angeles: Los Angeles Review of Books, 2019)..

8 Nicola Bertoldi, “Are we living through a new ‘Weimar era’?: Constructive resolutions for our future,” *Open Democracy* (January 3, 2018). Online: <https://us1.campaign-archive.com/?e=d77f123300&u=9c663f765f28cdb71116aa9ac&id=367a142d39>.

fesa da razão, opinião fundamentada e agência crítica; também é necessário um alinhamento com o poder e o potencial da resistência coletiva. Aqui, está em jogo a coragem de enfrentar o desafio de refletir sobre que tipo de mundo queremos — qual futuro queremos construir para nossos filhos? O grande filósofo Ernst Bloch insistiu que a esperança acessa nossas experiências mais profundas e que, sem ela, a razão e a justiça não podem florescer. Em *The Fire Next Time*, James Baldwin acrescenta um chamado à compaixão e à responsabilidade social a essa noção de esperança, uma que deve muito àqueles que nos seguirão. Ele escreve: “As gerações não param de nascer, e somos responsáveis por elas... [N]o momento em que quebramos a fé uns com os outros, o mar nos engole, e a luz se apaga.” Neste tempo, mais do que nunca, os educadores devem estar à altura do desafio de manter as chamas da resistência acesas com intensidade febril. Só assim poderemos manter as luzes acesas e o futuro aberto. Além deste apelo eloquente, diria que a história está aberta, e que é a hora de pensar de forma diferente para agir de maneira diferente, em especial se, como educadores, queremos imaginar e lutar por futuros democráticos alternativos e construir novos horizontes de possibilidade.

Podemos viver em tempos sombrios, mas o futuro ainda está aberto. Chegou o momento de desenvolver uma linguagem política e as ferramentas pedagógicas com as quais os valores, a responsabilidade social e as instituições que os apoiam se tornem centrais para revitalizar e fortalecer uma nova era de imaginação cívica, um novo senso de agência social, luta coletiva e um apaixonado senso de coragem cívica e vontade política.

Como afirmaram Martin Luther King Jr., John Dewey, Paulo Freire e Nelson Mandela, não existe projeto de liberdade e libertação sem educação, e essa mudança de atitudes e instituições está interligada. No centro dessa ideia está a noção avançada por Pierre Bourdieu de que as formas mais importantes de dominação não são apenas as econômicas, mas também as intelectuais e pedagógicas, e se encontram do lado da crença e da persuasão, o que sugere que os acadêmicos têm certa responsabilidade em reconhecer que a luta atual contra um autoritarismo emergente e o nacionalismo branco em todo o mundo não é apenas uma luta sobre estruturas econômicas ou sobre o auge do poder corporativo. É também uma luta sobre visões, ideias, consciência e o poder de mudar a própria cultura.

Qualquer luta por promessas de uma ordem democrática não acontecerá se as mentiras anularem a razão, se a ignorância desmontar as opiniões fundamentadas e se a verdade sucumbir aos apelos demagógicos de um poder sem limites. Como alertou Francisco Goya: “O sono da razão produz monstros.”

Quero concluir fazendo algumas sugestões, embora incompletas, sobre o que podemos fazer, educadores e trabalhadores da cultura, para salvar a educação pública e superior e conectá-la à luta mais ampla pela democracia em si.

Primeiro, em meio ao atual ataque à educação pública e superior, os

educadores precisam de uma linguagem de futuros imaginados. Tal linguagem deve ser definida por suas reivindicações sobre democracia, também por uma pedagogia crítica que perturbe, inspire e energize os estudantes a pensarem de forma crítica e a atuarem nas condições da sociedade mais ampla que moldam suas vidas. Esta é uma linguagem que desafia a noção neoliberal de educação, que diz aos estudantes para investirem em si mesmos como capital humano. É também uma linguagem que deve empoderar os trabalhadores de várias profissões para que ganhem controle sobre seu trabalho, vislumbrem um movimento baseado nos elementos de compartilhamento de poder de uma democracia radical e que desafiem a ideia de que capitalismo e democracia são sinônimos.

Segundo, os educadores também devem reconhecer e cumprir a ideia de que não há democracia sem cidadãos informados e capacitados e, ao fazer isso, afirmar a função crítica da educação e o papel fundamental que ela desempenha na promoção da consciência cívica, coragem cívica e engajamento cívico.

Terceiro, em um mundo movido por dados, métricas e conhecimento fragmentado, os educadores precisam ensinar os estudantes a transgredirem fronteiras, serem capazes de pensar de forma abrangente, comparativa e histórica. Os educadores devem ensinar os estudantes a se engajarem em diversos letramentos, desde a cultura impressa e visual à cultura digital. Os estudantes precisam aprender a pensar de forma interseccional, abrangente e relacional, embora também devam ser capazes de não apenas consumir cultura, mas também de produzi-la; devem aprender a ser tanto críticos culturais quanto produtores culturais.

Quarto, os educadores devem defender a educação crítica como a busca pela verdade, a prática da liberdade e como uma pedagogia que capacite os estudantes a escreverem e atuarem a partir de uma posição de agência e empoderamento. Essa tarefa sugere que a pedagogia crítica não deve apenas mudar a forma como as pessoas pensam, mas também incentivá-las a moldar o mundo em que vivem para melhor. Como prática da liberdade, a pedagogia crítica surge da convicção de que educadores e outros trabalhadores da cultura têm a responsabilidade de desestabilizar o poder, questionar o consenso e desafiar o senso comum. Essa é uma visão da pedagogia que deve permitir que os estudantes questionem os entendimentos do senso comum sobre o mundo, arrisquem em seus pensamentos, por mais difícil que seja, e tenham disposição para defender a pesquisa livre na busca pela verdade, pelas múltiplas formas de saber, pelo respeito mútuo e pelos valores cívicos para abordar e corrigir injustiças sociais.

Quinto, os estudantes precisam aprender a pensar de maneira perigosa, a explorar as fronteiras do conhecimento e a apoiar a ideia de que a busca pela justiça nunca está concluída e nenhuma sociedade é suficientemente justa.

Estas não são apenas considerações metodológicas, mas também práticas morais e políticas, pois pressupõem a educação de estudantes que possam imaginar um futuro no qual justiça, igualdade, liberdade e democracia importem e sejam alcançáveis.

Sexto, os educadores precisam argumentar por uma concepção de educação que seja vista de forma inerentemente política — uma que questione de forma incansável os tipos de trabalho, as práticas e formas de ensino, a pesquisa e os modos de avaliação aplicados na educação pública e superior. É importante reconhecer que a pedagogia é sempre política, pois é uma prática moral e política sempre envolvida nas relações desiguais de poder, especialmente na sua produção de noções particulares de agência, versões da vida cívica, da sociedade mais ampla e do futuro em si. As escolas nunca estão distantes das questões de poder e, na melhor das hipóteses, devem ser lugares nos quais os estudantes se realizem como cidadãos pensantes, informados e críticos.

Sétimo, em um momento no qual educadores são censurados, demitidos e, em alguns casos, sujeitos a penalidades criminais, é essencial que lutem para obter controle sobre suas condições de trabalho. Sem poder, professores são reduzidos ao trabalho precário, não desempenham papel no processo de governança e trabalham em condições comparáveis às que são tratados os trabalhadores na Amazon e no Walmart. Os educadores precisam de uma nova visão, linguagem e estratégia coletiva para recuperar o poder, a influência legítima, o controle e a segurança sobre suas condições de trabalho e sua capacidade de fazer contribuições significativas para seus estudantes e a sociedade em geral.

Oitavo, a educação deve ser gratuita, e com a garantia de educação de qualidade para todos. A maior questão aqui é que a educação não pode servir ao bem público em uma sociedade marcada por formas gritantes de desigualdade. Em vez de construir bombas, financiar a indústria de defesa e inflacionar um orçamento militar destruidor de vidas, que foi de 877 bilhões de dólares em 2022, precisamos de investimentos massivos em educação pública e superior. Esta visão de liberdade e justiça pode começar pela eliminação da dívida estudantil existente, permitindo que os estudantes trabalhem no serviço público e se libertem de serem servos de interesses financeiros maiores — é um investimento pelo qual a juventude é inscrita no futuro, em vez de potencialmente eliminada dele.

Não há justiça sem um sistema educacional orientado de forma democrática. A maior ameaça à educação na América do Norte e em todo o mundo são as ideologias antidemocráticas e os valores de mercado que acreditam que as escolas públicas e a educação superior são falhas por serem públicas e não devem operar conforme os interesses de promover a promessa e a possibilidade da democracia. Se as escolas estão falhando, é porque estão sendo desfinanciadas, privatizadas e modeladas como esferas de doutrinação nacio-

nalista branca, transformadas em centros de testes e reduzidas a práticas de treinamento regressivas.

Finalmente, quero sugerir que, em uma sociedade na qual a democracia está sob cerco, é essencial que os educadores se lembrem de que outras alternativas de futuro são possíveis e que atuar com base nessas crenças é condição prévia para tornar possível a mudança social. Esse projeto político e pedagógico exige tanto uma linguagem crítica quanto uma linguagem de possibilidade. Se a crítica serve para responsabilizar o poder, a esperança educada nos permite pensar de outra forma para agir de outra forma e pensar contra a corrente da opinião recebida, enquanto imaginamos um futuro que não repita as forças predatórias do presente.